

Saberes necessários ao profissional da educação infantil: a docência em educação física¹

Vivemos num mundo injusto, violento, cruel, excludente, desigual, com falta de amor, de respeito, sem amigos verdadeiros. A vida está cada vez mais perigosa, desilusões, desesperanças, desafetos e cada vez mais sem amor. O mundo que estamos construindo passa por problemas sociais, econômicos, políticos, afogando-se na insegurança e violência. As pessoas estão vivendo alheias a estas coisas, anestesiadas, apáticas ou seria atordoadas, sem saber o que fazer com tanta coisa ruim, quanta droga. O viver tornou-se algo perigoso! Que valor tem a vida? Quem pode viver sem se preocupar com o amanhã? Movidos pela esperança, intervimos no hoje para que se possa colher algo bom! Lutamos e nadamos contra a corrente para proporcionar esta esperança, este suspiro de amor. O tempo na escola proporciona a possibilidade de construir, junto com as crianças (os alunos), algo bom, agradável, alegre e com amor. Contrariando o mundo, negando o individualismo, ensinando o respeito, a criatividade, a cultura da paz, estamos construindo um mundo melhor, de compromisso e esperança. O mundo precisa de pessoas cuja vida possa incentivar muito mais que a prática do bem (extraído). As aulas de educação física, o tempo que as crianças passam na escola, em todo espaço é oportunizado o aprendizado, a troca de experiências. Quando é exigido da criança uma postura de respeito ao outro, que saiba esperar a sua vez, que ceda em prol do outro, que divida o brinquedo, estão sendo construído laços de amizade e amor. Caminha-se contrário ao mundo moderno, mas acreditamos que será um mundo melhor, de igualdade, de esperança e amor. A educação é uma ferramenta que juntos: professor, aluno, governo e família podem mudar o mundo. Acreditar é preciso! Saiba: você pode mudar uma pessoa – você. Assim estará influenciando outras (Título: Carta aos pais. MARCHIORI, 2007).

Introdução

As aulas de educação física devem oferecer as mais variadas formas de movimento, as mais diversificadas posições, a oportunidade de superar limites, barreiras internas – superação, auto-imagem, complexo, timidez, entre outros – e externas (obstáculos, o próprio corpo, o do colega, o ambiente, entre outros). Devem proporcionar a socialização, a assimilação de regras, o convívio consigo mesmo e o respeito ao outro, possibilitando a cultura de paz. O

¹ Trabalho apresentado no I Seminário de Dinamizadores de Educação Física e Artes na Rede Municipal de Vitória em 2007, no auditório do Centro de Educação Física e Desportos da UFES.

que está sendo tratado aqui é a oportunidade de mudança, ou seja, assimilação e transmissão do conhecimento/cultura eternizados pela sociedade e permitir que a criança construa – seja sujeito – sua educação. Não se trata apenas da aprendizagem social (Bracht, 1992), mas a possibilidade de conviver em sociedade atendendo os conceitos de liberdade, esperança e individualidade (aspectos psicológico, social, intelectual, moral, espiritual – personalidade).

O professor deve ser um facilitador, gerenciador de conflitos, estimulador, animador, criativo, amoroso/afetivo, sabendo distinguir a hora de orientar, modelar, randomizar, participar, diversificar/construir junto com as crianças no momento da atividade; perceber se a tarefa é adequada para aquela faixa etária – quer acima ou aquém do planejado – aproveitar a oportunidade de ensinar sobre/com a cultura corporal do movimento, educar para o futuro – neste caso, não significa a formação de atletas ou a sua descoberta, mas capacitar a criança para que tenha oportunidade de desenvolver qualquer atividade física, seja na hora de lazer ou numa modalidade esportiva dirigida/competitiva.

Ensinar a brincar deve ser o referencial durante seu planejamento e execução. Objetivam a formação de um cidadão crítico, pensando a criança em desenvolvimento.

Devem contribuir para a aquisição de habilidades motoras, promoção da saúde, desenvolvimento cognitivo (intelectual), alfabetização e transmissão do conhecimento e cultura.

A educação física não pode ser pensada como um apêndice da educação, quando nos referimos à prática pedagógica, pois sempre ocorre a educação no plano geral; os objetivos, por mais específicos que sejam, devem contemplar a formação ou desenvolvimento integral da personalidade, tendo a cultura lúdica ou de lazer e a cultura corporal de movimento como o referencial de trabalho.

Permitir que a criança tenha segurança nas suas decisões, possa refletir sobre seus atos, apreender/aprender com suas experiências e a dos outros, os valores éticos e morais a que estamos subordinado. Neste ponto, não cabe a domesticação ou adestramento, mas

proporcionar um ambiente de aprendizagem, de construção, de descoberta. Tais princípios são contemplados em aulas que, conforme Caparroz (2006), sejam COM+VIDA+ATIVA.

Todos estes aspectos devem ser atendidos durante a condução do planejamento e execução da atividade, tendo a sensibilidade de perceber os interesses, as limitações, potencialidades e possibilidades que cada um traz consigo e que foi construído ao longo de sua história. Dessa forma, faz-se necessário, contrariar o dito popular que é “preciso ver para crer”, pois ser educador é ter esperança e acreditar para ver acontecer.

Contribuições sobre o jogar e o brincar

É necessário que os alunos da Educação Infantil tenham chance de ampliar suas competências espaciais, pictóricas, corporais, musicais, interpessoais e intrapessoais (SMOLE et al, 2000).

Enquanto brinca, o aluno amplia sua capacidade corporal, sua consciência do outro, a percepção de si mesmo como um ser social, a percepção do espaço que o cerca e de como pode explorá-lo [...]. Através do brincar a criança consegue expressar sua necessidade de atividade, sua curiosidade, seu desejo de criar, de ser aceita e protegida, de se unir e conviver com outros (SMOLE et al, 2000).

A criança necessita de estímulos e oportunidades que alimentem o seu impulso natural de curiosidade. Dessa forma, o educador poderá utilizar recursos variados, como objetos concretos, cantigas, cartazes, jogos e brincadeiras (YOGI, 2003).

À medida que o adulto lhe dá condição e orientação para explorar tudo aquilo que a cerca, deixando-a agir por seus próprios interesses, irá progressivamente adquirindo experiências que servirão de suporte a um melhor conhecimento de seu corpo e de suas possibilidades de movimento (ARAUJO, 1992).

É através da brincadeira que as crianças também se constituem como indivíduos. As brincadeiras não só expressam as possibilidades que têm de se oporem à dependência e de adquirirem certa autonomia, mas também valorizam uma reação positiva (FELIPE, 2004).

O jogo é a principal atividade das pessoas durante a infância e um excelente divertimento durante toda a vida. Jogando é que nos desenvolvemos física e emocionalmente, ao mesmo tempo em que mantemos nossa inteligência e reflexos ativos. Mas, acima de tudo, é jogando que nos divertimos e desfrutamos a companhia das pessoas mais queridas, tanto familiares como amigos (ALLUÉ, 1998).

Objetivo

Compartilhar algumas reflexões originadas no conflito entre teoria e prática, bem como proporcionar o conhecimento e registro de dados/saberes necessários à iniciação na docência da Educação Física na Educação Infantil.

Metodologia

Este trabalho é fruto de uma discussão entre os autores, a literatura de material bibliográfico disponível no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) e as pedagogas lotadas no CMEI Sinclair Phillips e Darcy Vargas.

Inicialmente, foi necessário um período de adaptação e tomada de consciência sobre o trabalho a ser desenvolvido e adquirir conhecimento específico da Educação Infantil (EI), suas necessidades, os mecanismos de ação, o comportamento das crianças, o espaço disponível, a função dinamizador no Sistema Educacional de Vitória, a interação com o professor de sala (regente), o apoio das auxiliares com as turmas menores, entre outros já relatados. Trata-se de uma observação reflexiva da teia construída neste primeiro momento de aproximação com a EI.

O texto produzido corresponde a algumas conclusões e ações adotadas para viabilizar a execução de uma Educação Física comprometida socialmente, inclusiva e pautada na Cultura Corporal do Movimento/Crítico-emancipatória.

Utilizou-se um caderno de anotações, sendo registrado o fichamento das obras consultadas, as propostas temáticas por faixa etária, o planejamento das aulas, os registros reflexivos e a avaliação das aulas. Houve também o registro fotográfico de algumas aulas, utilizando-se uma máquina digital, marca Sony, 6.0.

Iniciando o trabalho

Na Educação Infantil ocorre um fenômeno rotineiro: todos os anos chegam novas crianças nos CMEIs e exige um exercício de colaboração do corpo docente, pedagogos, funcionários administrativos, auxiliares, vigias, entre outros. Trata-se da adaptação das crianças nesse novo universo, ruptura do laço familiar, novos rotos, ausência dos pais (exercício de deixar – buscar). Encontramos uma criança desesperada, chorando continuamente, carente de atenção, colo, afeto e passiva, ou melhor, alheia a toda proposta que se articule. Esse quadro perdura entre duas ou três semanas e demanda um trabalho de paciência, amor e conhecimento pedagógico, sempre em parceria com a família.

O desafio do trabalho do dinamizador fica na faixa etária menor – até 03 anos – sempre com o desafio de levar uma proposta de inclusão desses pequenos no mundo escolar, adaptação a uma nova rotina. Segue-se uma colaboração dos sujeitos/agentes objetivando a adaptação de todos e a construção gradativa de uma proposta pedagógica para os três primeiros grupos escolares (0 a 3 anos).

Com relação às turmas maiores (04 a 06 anos), ocorre um fenômeno interessante (se assim podemos dizer): a necessidade de limites (potencializada nesta faixa etária), regras de convivência, respeito ao colega de sala e reconhecimento da “autoridade” do professor são pontos trabalhados desde o primeiro dia de aula. As crianças nos “estudam” e testam nossos limites. Provocam situações das mais variadas e ousadas possível (além de nocivas à integridade física dela e do colega). Parece que estão testando até onde podem ir, quais as conseqüências de seus atos, quais conseqüências acarretam suas ações, com quem podem fazer isso ou aquilo e qual comportamento devem assumir conforme a situação, pessoa à frente e local (espaço físico). Trata-se de uma adaptação mais para o professor do que para as crianças.

O carinho/afeto, respeito e postura do docente vão proporcionar um ambiente agradável e adequado para que a proposta pedagógica aconteça. Um ponto a destacar é: a diversidade faz com que sejam tomadas atitudes diferenciadas e propostas de trabalho passivas de adaptação, pois a criança interfere diretamente no plano de aula, interage com a temática adotada e indica novos rumos e possibilidades de trabalho. É bom lembrar que, conforme Paulo Freire, devemos iniciar um trabalho a partir do que o indivíduo conhece, do que é de seu domínio e interesse.

Para trabalhar na educação infantil é necessário ter um olhar atento às necessidades de cada criança que chega ao espaço do CMEI, bem como ter a sensibilidade para acolhê-la neste novo espaço que lhe proporcionará outras experiências de vida, a partir da interação como a outra criança, com o professor e demais funcionários. Vale ressaltar a importância de acreditar nas potencialidades e no conhecimento que cada criança traz consigo desde a mais tenra idade, pois é um ser em desenvolvimento e em plenas condições de ampliar seu conhecimento a partir das oportunidades que lhe são dadas.

Primeiras propostas

As primeiras perguntas que fazemos quando chegamos à Educação Infantil é: o que fazer com essas crianças? Qual o conteúdo de trabalho? Quando vai acabar a adaptação dessas crianças? Qual espaço que está disponível para acontecer as aulas? Quando devo cuidar ou educar? Elas têm cultura, ou melhor, existe uma cultura infantil?

Muitas dessas questões seguem no dia-a-dia sendo respondidas, ou seja, há a construção de diretrizes e possibilidades no cotidiano escolar, nas relações professor/aluno, professor/professor e Professor/pedagogo. Um constante diálogo é travado em prol do melhor para a criança. Entretanto, faz-se necessário comprometimento e reflexão. O registro das aulas deve ocorrer e debruçar sobre os livros (teoria), confrontar a prática e estar disposto a aprender com o outro são fatores que devem constar no cotidiano do docente. Refletir e repensar a ação é criar novas possibilidades a partir das experiências de cada aula e aprender a partir das auto-avaliações do trabalho.

Um dos caminhos adotados por alguns docentes (incluindo eu) corresponde ao resgate de sua infância, ou seja, perguntar-se como se deu essa fase e quais brincadeiras fizeram parte do nosso crescimento? O que ficou marcado em nossas vidas que pode ser empregado no cotidiano escolar, transformar-se em prática pedagógica e adequar-se à proposta de trabalho do CMEI. Na construção do cotidiano, percebe-se que muitas atividades são novidades para as crianças e isso possibilita (res)significar valores e interagir na construção da cultura infantil. Um exemplo disso corresponde ao jogo de “bolinha de gude”, pois se constata que as crianças não conhecem ou não sabem jogar. O perigo de que as crianças engolissem as bolinhas afastou o uso e, conseqüentemente, perdeu-se uma oportunidade de aprendizado.

Muitas brincadeiras que hoje se tornaram “esquecidas” no cotidiano das crianças precisam ser resgatadas, contrariando desta forma o mundo individualizado e dos jogos de computadores. Estes isolam as crianças em um mundo onde não são capazes de aprender a partir dos conflitos com o outro, pois a paz não é a ausência do conflito, mas o modo como este pode ser solucionado ou não a partir do poder da palavra.

O tempo é o fator que interfere diretamente no cotidiano do CMEI. A rotina ou em nome dela as ações pedagógicas acontecem. Então, quando estamos educando ou cuidando?

Uma resposta consensual encontradas por todos os agentes/sujeitos é que a educação perpassa todos os espaços e momentos da criança, desde sua chegada na escola até sua saída vai ocorrer concomitante o educar e o cuidar.

Entendo que há uma precedência inquestionável: o cuidar precede o educar! Não se trata de grau de importância, mas uma necessidade inerente à concepção de criança que temos. Dando um exemplo disso, cito um episódio ocorrido em aula: uma aluna estava brincando e resolveu criar uma nova forma de utilizar e explorar o espaço. Aproximou um escorregador de plástico de uma árvore e começou a pular, tentando alcançar o galho mais baixo. O professor percebendo a ação e que outras crianças estavam aderindo à proposta, interveio e recomendou o fim daquela atividade. Ele afastou o brinquedo e retirou as crianças. Bom, o cuidado com a integridade física dos alunos aconteceu. Seguindo sua proposta de trabalho com a turma, não percebeu que um grupo retomou a brincadeira e, novidade, ocorreu o

esperado: a criança caiu e fraturou o braço. O resultado disso acarretou o fim da aula, o fim da possibilidade de explorar didaticamente o espaço e transtorno para a família/escola.

O cuidado não pode ser um empecilho para que se explorem novas propostas ou atividades de trabalho, mas precede durante seu planejamento e execução.

Seguindo uma postura reflexiva, deve ser observado o que provoca a criança e instiga sua curiosidade. As aulas devem ser convidativas e do interesse do aluno. A partir daí oferecer, sempre adequando à faixa etária, novas possibilidades de exploração e estimulação. Além de transmitir o conhecimento e patrimônio cultural construído, devemos proporcionar a vivência livre e exploração tanto individual, quanto coletiva.

Devemos intercalar momentos diretivos, prescritivos com autonomia estimulando a independência e a criatividade. Penso que não há limite ou conteúdo que não possa ser explorado na Educação Infantil, desde que sejam respeitadas as especificidades e objetivos a serem trabalhados, adaptando à faixa etária.

Alguns princípios da psicomotricidade são fundamentais para um trabalho de estimulação às turmas menores e uma fonte de observação valiosa nas demais. As aulas não se devem pautar em uma única perspectiva, mas possibilitar formas de trabalho diversificadas. Se o foco é a criança e seu desenvolvimento completo, devemos lançar mão de todo conhecimento e transformá-lo didaticamente. A criatividade e a autonomia da criança devem ser sempre um dos objetivos da proposta de trabalho. As regras de convivência serão construídas no cotidiano das aulas. Isso não significa uma proposta fechada, mas uma provocação à amplitude e respeito às diversidades culturais existentes. A cultura corporal de movimento e crítico emancipatória possibilitam um trabalho variado e riquíssimo.

Uso dos espaços do cmei

Todos os espaços do CMEI devem servir de fonte de pesquisa/reflexão, de formação cidadã e espaço pedagógico. A criatividade, acompanhada de um bom planejamento, é um ingrediente que deve ser utilizado em larga escala nas aulas e na rotina escolar. O fator

segurança sempre deve ser medido e avaliado, evitando risco desnecessário e amenizando problemas de convivência em grupo, uma vez que todos utilizam dos espaços e há uma rotina que deve ser “respeitada”.

Uma observação importante deve ser apontada: os espaços do CMEI não foram planejados para comportar as aulas de educação física, tampouco contemplou uma concepção pedagógica que atendesse as crianças nas suas necessidades de locomoção e desenvolvimento físico. O cuidado e as acomodações parecem que foram pensadas para impedir que as crianças corressem, caíssem, subissem e apenas o espaço “parquinho” ou playground foram pensados para atender a necessidade de liberdade de movimento. Resta ao profissional adequar sua proposta de trabalho conforme a realidade de cada Centro Infantil.

Outro ponto a ser levantado corresponde à disputa que é travada entre a atividade planejada e o espaço selecionado. Uma pergunta surgida no cotidiano da Educação Física que ecoa é justamente essa: quem determina o conteúdo da aula é o espaço ou o professor?

Na educação infantil percebe-se que há uma disputa com os materiais (brinquedos) disponibilizados para o momento livre (pátio), os fixos (escorregadores e balanços), o próprio espaço que já faz parte da cultura construída em momentos anteriores à aula ou outros conteúdos trabalhos. Faz-se necessário um planejamento que contemplem essas questões. A retirada desse material deve ser estimulada procurando desenvolver o interesse permanente da criança e uma adesão maior à proposta de trabalho desenvolvida.

No Cmei “SP” adotou-se todos os espaços possíveis, respeitando a questão da segurança e a rotina que envolve a educação infantil.

O tempo

As aulas têm uma duração de 50 minutos e permite desenvolver um bom trabalho. As crianças têm um tempo de atenção muito curto e exige uma mudança constante no conteúdo trabalhado ou uma percepção para intervir sempre que se observa uma oportunidade ou

dispersão. As crianças sempre criam e mudam a direção planejada, estão constantemente alterando o seu planejamento.

Uma das alternativas encontradas inicialmente foi trabalhar por temas, mantendo um plano flexível e sob uma perspectiva de “aulas abertas”. Houve uma experiência de trabalhar aulas geminadas com duração de 01 hora e 15 minutos, mas o tempo era muito longo ocasionando uma dispersão e um estresse desnecessário, tanto para o professor, quanto para o aluno, uma vez que na tentativa de manter a “ordem” havia a necessidade intervenção mais rígida. Outro ponto a ser observado é o tempo de criação do aluno.

Empiricamente, encontramos um momento que o aluno tem prazer e interesse em fazer a atividade, passado esse tempo, começa a destruir. Outros têm um reflexo de “inventar” e isso acarreta agressões aos colegas, expõem ao perigo o próprio aluno e a turma, estresse e dispersão da turma. O professor deve ter percepção para observar esse tempo e intervir preventivamente. É neste ponto que o cuidar entrelaça com o educar.

Atividades desenvolvidas

As atividades abordadas no CMEI “SP” foram pensadas a partir dos temas geradores ou por temáticas, adequando-se o conteúdo à faixa etária e disponibilidade dos materiais. A proposta era trabalhar um tema por semana, podendo retomar o tema conforme interesse das crianças. Apresentamos pontualmente algumas delas:

01. Brincadeiras com bolas de soprar; 02. Atividades de arremesso; 03. Boliche; 04. Trio ao alvo; 05. Futebol; 06. Basquete; 07. Atletismo; 08. Ginástica; 09. Tênis; 10. Triciclos ou bicicletas; 11. Piques variados; 12. Falsa baiana (cordas paralelas e suspensas); 13. Tirolesa e teleférico; 14. Pular corda; 15. Amarelinha; 16. Atividades com pneus; 17. Bandinha e violão; 18. Atividades com músicas; 19. Trenó (uso do carpete e corda na rampa); 20. Atividades com lençol; 21. Esconde-esconde; 22. Figuras geométricas de madeira; 23. Atirar bolas no palhaço; 24. Dança; 25. Bambolê; 26. Histórias; 27. Giz e tinta; 28. Brinquedos de plástico; 29. Futebol de pano; 30. Atividades com bolas de diferentes tamanhos e peso; 31. Tábuas de estimulação; 32. Bolinha de gude; 33. Pipa; 34. Banho de mangueira; 35. Cabo de guerra; 36. Túnel e brinquedos de sala; 37. Elástico; 38. Movimentos de Judô; 39. Atividades com renda, pano e TNT; 40. Uso de material reciclável e sucatas; 41. Capoeira 42. Peteca.

Conclusões

Os saberes discutidos neste trabalho possibilitam uma leitura inicial das dificuldades enfrentadas na iniciação docente, em especial com a Educação Infantil;

A experiência docente é um fator que proporciona uma flexibilidade e adaptação de algumas propostas ou projetos já desenvolvidos em outras faixas etárias, permitindo o conhecimento do sistema educacional e suas particularidades;

O primeiro contato com a Educação Infantil é assustador e, ao mesmo tempo, maravilhoso. Provoca uma avalanche de sentimentos, dúvidas, alegrias, frustrações e expectativas, tanto para o docente quanto às crianças;

Há uma tendência a repetir algumas práticas consagradas na Educação Infantil e a expectativa de continuidade docente, ou seja, um trabalho desenvolvido no ano anterior por um professor tende a gerar um movimento “comparativo” do procedimento e metodologia do novo docente;

E, a diversidade do trabalho é percebida na rede municipal e isso possibilita uma troca de experiências e aquisição de novas propostas e metodologias de desenvolvimento da área de Educação Física, tendo em foco o “ser em movimento”.

Bibliografia

ALLUÉ, J. M. **O grande livro dos jogos**. Belo Horizonte: Leitura, 1998.

ARAÚJO, V. C. **O jogo no contexto da educação psicomotora**. São Paulo: Cortez, 1992.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

CAPARROZ, F. E. **Relatório de aula dia: 30/10/2006**, com o tema: Prática pedagógica na EF Escolar - O trabalho docente: condições internas e externas, ministrada no mini-auditório do Centro de Educação Física da UFES, 2006.

CATUNDA, R. **Recriando a recreação**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

FELIPE, J. Aspectos gerais do desenvolvimento infantil (in). CRAIDY, C. M. (Org). **O educador de todos os dias: convivendo com a criança de 0 a 6 anos**. Caderno Educação Infantil, v. 5. Porto Alegre: Mediação, 2004.

HOFFMANN, J.; SILVA, M. B. G. **Ação educativa na creche**. Caderno Educação Infantil 01. Porto Alegre: Mediação, 2001.

HOSPITAL, A.; GODALL, T. **150 propostas de atividades motoras para a Educação infantil de 3 a 6 anos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SMOLE, K.; DINIZ, M. I.; CÂNDIDO, P. **A matemática na educação infantil**, coleção Matemática de 0 a 6, v. 1. Porto Alegre: Artmed, 2000.

YOGI, C. **Aprendendo e brincando com jogos**. Belo Horizonte: Fapi, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003.